

UMA APRESENTAÇÃO E UMA JAQUETA IMPERMEÁVEL



Nos anos 50 eu vivia em Roma, na via Antonino Pio, e a presença de Mestra Tecla era sugestiva para todas. Ali estava. Vivia conosco. Nós a encontrávamos pelo caminho, indo em direção ao Santuário, e algumas vezes visitava os grupos para dar-lhes a tradicional conferência.

Naquele tempo eu a recordo serena, quase sorridente, completamente presente a si mesma em sua compostura. Eu estava no grupo das “mais jovens”, assim chamadas, naquele tempo, as junioristas, e o meu trabalho, além da gráfica, com alguma publicação interna, consistia em viajar pela Itália a preparar exposições. Naquele tempo se organizavam nas dioceses muitas convenções e congressos: eucarístico, catequético, litúrgico, mariano etc., e nós éramos chamadas com as nossas edições. Essas exposições eram sempre acompanhadas por painéis ilustrativos que davam leveza e beleza ao ambiente.

Partíamos, ir. Gianmaria Rota e eu, uma para o norte e outra para o sul da Itália.

MEU PRIMEIRO ENCONTRO BEM PESSOAL COM MESTRA TECLA.

Em 1959 fui chamada a Palermo para preparar uma exposição e durante um Congresso mariano. O local escolhido era belo e luminoso e me facilitava o trabalho, por isso tudo saiu de forma satisfatória. Justamente



naqueles dias chegou Mestra Tecla para visitar a comunidade. No almoço do domingo, eu estava à mesa, perto dela. Alguém lhe disse: «Primeira Mestra, a senhora já visitou a exposição?». «Sim – respondeu prontamente – e me agradou muito». Depois, voltando-se para mim acrescentou: «Vês que brava gente temos na congregação? Realmente temos gente capacitada!». Fiquei sem fôlego, pela surpresa. Não me lembrava jamais de ter recebido de superiora alguma aprovação assim explícita, e ouvir aquilo dela, com tanta naturalidade e espontaneidade, justamente dela, encheu-me de alegria.

A tarde foi concluída com brincadeiras e joguinhos que Mestra Tecla carregava sempre consigo. Era a primeira a rir com gosto das brincadeiras.

A segunda experiência direta ocorreu em 1962 enquanto, com ir. Paola Baldo, estudávamos em Urbino. Antes de iniciar o terceiro ano, fomos cumprimentar a Primeira Mestra em seu escritório. Imediatamente perguntou sobre a nossa saúde. Respondemos que naquela cidade fazia muito frio e que, às vezes, ir. Paola tinha dores de estômago. «Agasalhem-se bem», exclamou ela. Eu lhe disse que no ano anterior Mestra Paulina, então superiora, nos havia oferecido jaquetas impermeáveis, mas que depois, tomada por escrúpulos, nos disse que podíamos dar mau testemunho de pobreza. E aconteceu que voltamos a Urbino com nossos pobres echarpes. Foi então que a Primeira Mestra exclamou com força: «Mas que pobreza, que pobreza! Vocês devem estar bem para poder contribuir com a congregação depois dos estudos!».

E ali, à nossa frente, chamou Mestra Paulina e lhe disse: «Ouça, pegue aquelas duas jaquetas impermeáveis e as dê a essas duas irmãs, porque em Urbino faz frio e elas precisam se agasalhar bem!».

E assim, graças à intervenção de Mestra Tecla, enfrentamos o terceiro ano sem medo do vento e da neve de Urbino, bem protegidas pelas nossas quentinhas jaquetas impermeáveis.

Mais uma vez pude constatar, em primeira pessoa, a humanidade simples e direta da Primeira Mestra. Uma humanidade que superava todo convencionalismo, visando diretamente o bem das pessoas

Sergja Ballini, fsp